

A REVOLUÇÃO DAS MULHERES

Esta comédia é uma sátira às teorias de certos filósofos da época, principalmente os sofistas, que mais tarde se cristalizaram na “República” de Platão.

Lideradas pela eloqüente Valentina, que recorda a figura de Lisístrata por sua intrepidez, as mulheres de Atenas decidem tomar conta do poder, cansadas da incapacidade dos homens no governo. Impõem sorrateiramente nova constituição, com base na comunidade dos bens, tendo em vista, segundo Valentina, a eliminação do pauperismo.

Inspiradas no princípio em que há similaridade entre a direção da coisa pública e do lar, as mulheres governarão a cidade com a mesma eficiência com que cuidam de suas casas, para satisfação de todos. Não haverá mais ricos de um lado e pobres do outro. Atenas será como uma única habitação na qual cada um poderá obter, num fundo comum, o necessário à sua subsistência, graças a reformas de base como a comunidade de bens e de mulheres.

É digna de nota a solução de Valentina (Aristófanes) para o problema das mulheres feias diante da desvantagem em que ficariam, relativamente às bonitas, nesse regime autoritário...

Personagens:

Valentina: cerca de 40 anos, casada com Blêpiro, chefe da revolução.

1.^a Mulher: mesma idade, amiga de Valentina.

2.^a Mulher: idem, ibdem

3.^a Mulher: idem, ibdem

Blêpiro: cerca de 60 anos, marido de Valentina.

Um Homem: mesma idade, vizinho de Blêpiro.

Cremes: mesma idade, vizinho de Blêpiro.

Um Homem: cerca de 40 anos, interlocutor de Cremes.

Secretária: auxiliar de Valentina, cerca de 40 anos.

1.^a Velha: cerca de 50 anos.

Uma Moça: cerca de 20 anos.

Um Rapaz: cerca de 25 anos.

2.^a Velha: cerca de 60 anos.

3.^a Velha: cerca de 70 anos.

Várias mulheres, participando da revolução.

Mulher encarregada dos pregões.

Carregadores.

Época:

Cerca de 400 anos antes de Cristo.

Local:

Atenas

Cenário:

Praça pública em Atenas, de onde saem duas ruas. Ainda é noite. Estão reunidas várias mulheres.

Valentina - *(com uma lanterna na mão e olhando ansiosa para as duas ruas)* Será possível? Apesar de termos combinado tudo direitinho em nossa última reunião secreta, nenhuma das nossas correligionárias apareceu até agora! E está chegando a hora da Assembléia! Temos de ocupar já os lugares onde até agora os homens públicos falavam das mulheres públicas. É hora de sentar nossas *(apontando para certa parte do corpo)* pessoas nos melhores lugares antes que cheguem lá os homens. *(pausa; torna a olhar para as ruas)* Que estará acontecendo? Será que não conseguiram as barbas postiças? Ou terão tido dificuldades para roubar as roupas dos maridos? *(nova pausa; aparece ao longe uma mulher caminhando com uma lanterna na mão)* Finalmente vejo uma luz que se aproxima! *(dirigindo-se às outras mulheres)* Vamos esconder-nos! Pode ser um homem! *(Valentina e as outras mulheres recuam até a esquina da outra rua; pela primeira rua entra uma mulher, logo seguida de outras, todas vestidas de homem).*

1.ª Mulher - *(dirigindo-se a Valentina)* É tempo de marchar, pois o encarregado de convocar as assembléias já deu o segundo sinal quando eu vinha para cá!

Valentina - E eu passei a noite toda esperando vocês! *(encaminhando-se para uma das casas da praça)* Vamos, que vou chamar minha vizinha batendo delicadamente à porta, pois o homem dela não deve desconfiar de nada. *(bate levemente à porta).*

2.ª Mulher - *(saindo de casa, vestida de homem)* Enquanto me calçava ouvi o toc-toc de seus dedinhos, pois já estava bem acordada. Você sabe, querida, meu marido é funcionário público, dorme o dia todo de modo que passa a noite inteira agindo por baixo das cobertas. Não dá uma folga! Só agora consegui apanhar a roupa dele; está aqui.

Valentina - *(em voa alta às outras mulheres que iam chegando, também vestidas de homem)* Até que enfim vocês estão chegando! Lá vêm a Esquerdina e a Reformilde! Vocês querem fazer o favor de apressar-se? A Brigolina propôs que a última a chegar pagaria o cabeleireiro para todas.

2.ª Mulher - Vejam só! Lá vem a Comiciano, toda desajeitada com as sandálias do marido! Aliás deve ter sido a única que pôde sair calmamente de casa: o marido dela não é de nada!

1.ª Mulher - E a mulher do padeiro, você está vendo? Lá vem a Populária de lanterna na mão! Agora é ela que vai agitar as massas!

Valentina - (*entusiasmada*) O mulhero está chegando! Milhões! Todas as mulheres da cidade!

3.^a Mulher - Foi com muita dificuldade, querida, que pude sair de casa cedo, pois meu marido tossiu a noite inteirinha, engasgado com uns amendoins que comeu na hora de deitar!

Valentina - Então vão sentando nesses bancos da praça. Agora que estamos todas juntas quero ver se as resoluções de nossa última reunião foram executadas devidamente.

3.^a Mulher - De minha parte, sim. (*levantando lateralmente um braço*) Estou com as axilas mais peludas que um espanador, conforme combinamos. Além disso, toda vez que meu marido saía para vir discutir política eu tomava um pouco de sol, para parecer mais máscula.

2.^a Mulher - Eu também! A primeira coisa que fiz foi deixar de me depilar com a navalha de meu marido, para ficar toda peluda, como um homem!

Valentina - E todas estão com as barbas que combinamos trazer?

1.^a Mulher - (*mostrando a barba postiça que traz na mão*) Veja que barba linda!

Valentina - (*dirigindo-se às outras mulheres*) E vocês, que dizem?

1.^a Mulher - Elas dizem “sim” com a cabeça.

Valentina - Muito bem. Quanto ao resto, vejo que fizeram tudo como havíamos combinado. Então com as roupas, com o calçado, com tudo dos maridos.

1.^a Mulher - Bem... com quase tudo...

Valentina - É isso mesmo; e também temos de garantir um lugar na tribuna melhor colocada.

2.^a Mulher - (*mostrando uma bolsa com lã e agulhas de tricô*) Eu ando sempre com isso; fico fazendo tricô enquanto a assembléia enche.

Valentina - Enche, sua errada?

2.^a Mulher - Sim. Mesmo fazendo tricô estarei ouvindo. Minhas crianças estão nuas.

Valentina - Vocês estão vendo? Fazer tricô!... Não esqueçam nossa combinação: não devemos deixar os homens verem nada de feminino em nós, principalmente qualquer parte de nosso corpo! Estaríamos fritas se, no meio de tanto homem, alguma de nós cruzasse graciosamente as pernas, mostrando a... diferença! Mas se ocuparmos logo os lugares ninguém notará que estamos disfarçadas. E quando nos virem com as barbas que trouxemos, todos nos tomarão por homens de verdade. Conheço um “enxuto” que deixou a barba crescer e todo mundo agora passou a considerá-lo homem. Hoje ele é o tal! Por essas e outras vamos dar o golpe, vamos tomar o poder para consertar o país! Agora as mulheres vão ficar por cima!

1.^a Mulher - E como nós, as mulheres, criaturas delicadas e de coaração fraco, iremos falar ao povo?

Valentina - Do melhor modo possível, pois dizem que falam melhor os homens mais rebolantes. Se o caso é rebolar, então está para nós!

1.^a Mulher - Não sei... A inexperiência dá medo...

Valentina - É, mas estamos aqui para resolver o que vamos fazer na assembléia. (*dirigindo-se à primeira mulher*) Ajuste depressa a barba! (*dirigindo-se às outras mulheres*) Vocês também! E vamos treinar para falar!

2.^a Mulher - E qual é a mulher que precisa treinar para falar?

Valentina - É sempre bom. Ponham as barbas e virem homens. Quanto a mim, porei na cabeça esse chapéu de chefe e a barba, como vocês, para o caso de ter de falar. (*todas põem as barbas*)

2.^a Mulher - Venha cá, minha Valentinazinha! Olhe, meu bem, como a coisa parece ridículas!

Valentina – Como ridícula?

2.^a Mulher – Parecemos espanadores com essas barbas!

Valentina – (*sem ligar mais à Segunda mulher e dirigindo-se à outra*)
Secretário: Faça a chamada! Silêncio! O cidadão que está aí de pé, sente-se! Quem quer a palavra?

2.^a Mulher – Eu!

Valentina – Suba à tribuna! Há um copo lá e boa sorte!

2.ª Mulher – *(subindo em um banco da praça)* Lá vai brasa!

Valentina – Pode falar!

2.ª Mulher – Então eu devo falar sem antes beber alguma coisa?

Valentina – Vejam só! Beber...

2.ª Mulher – Para que serve, então, o copo que há na tribuna?

Valentina – É da água, para molhar a garganta seca! Já vi que você continua a mesma! Desça!

2.ª Mulher – Ora essa! Os homens não bebem na assembléia?

Valentina – Você pensa que eles bebem o que você está querendo beber?

2.ª Mulher – Exatamente. A bebida forte! Todas as leis, quando bem examinadas, parecem ter sido feitas por bêbedos, e bem perto da demência! E se não bebessem, como se explicariam as xingações, os palavrões que eles trocam?

Valentina – É melhor sentar. Você não é de nada.

2.ª Mulher – *(descendo do banco)* Eu, hein? Antes não tivesse posto esta barba; ela não serve nem para me darem um golezinho!

Valentina – Alguém quer usar a palavra?

1.ª Mulher – *(levantando-se)* Eu!

Valentina – Pois suba à tribuna! Estamos em sessão *(a primeira mulher encaminha-se, rebolando, para um banco, onde sobe)* Mas veja se fala como um homem! Não exagere no rebolado!

1.ª Mulher – *(em tom oratório)* Agradarme-ia mais que alguém, mais eloqüente e com idéias mais claras, viesse falar-lhes, permitindo-me continuar tranqüilamente sentado em meu lugar. Num momento como este, todavia, seria inadmissível o silêncio, agora que há coisas tão sérias a fazer como... *(pausa embaraçosa)* como mandar consertar essas calçadas de

mosaico em que se prendem os saltinhos dos sapatos altos de nossas mulheres. É a minha opinião, por Nossa Senhora do Parto!

Valentina – “Por Nossa Senhora do Parto”, sua errada! Onde você está com a cabeça?

1.ª Mulher – Dei algum fora? *(olhando para a segunda mulher)* Afinal eu não preciso beber para falar!

Valentina – Ora! Você está bancando o homem e invoca Nossa Senhora do Parto! Quanto ao resto, até que você falou bem.

2.ª Mulher – *(fazendo trejeitos de convencimento)* Ah! Meu Deus!

Valentina – Basta! Não darei mais um passo no sentido de tomar conta da assembléia enquanto não estiver tudo certinho! *(vai retirar a primeira mulher do banco que serve de tribuna)*

1.ª Mulher – Não! Eu fico na tribuna! Vou retomar a palavra, pois desta vez não direi bobagens. *(retoamando o tom oratório)* Quanto a mim, mulheres aqui presentes...

Valentina – “Mulheres”, desgraçada!... É assim que você se dirige a homens?

1.ª Mulher – Pensei que estivesse no baile dos “enxutos”... Por isso imaginei estar falando a mulheres...

Valentina – Desça você também e vá sentar-se entre as outras. Eu mesma falarei em defesa de vocês, depois de subir à tribuna. *(sobe no banco e assume ares de orador)* “Elevo meus pensamentos aos céus: que nossos projetos se realizem! Sou igual a todo o mundo mas não posso deixar de afligir-me ao ver o estado de decomposição que se encontra a administração do país. Vejo-o sempre entregue a maus dirigentes. Se um é bom um dia, torna-se mau durante dez. Recorre-se a outro, é ainda pior. Sei que não é fácil dirigir homens difíceis de contentar. O povo tem medo de quem lhe deseja e adula quem lhe faz mal. Houve um tempo em que não tínhamos assembléias mas sabíamos que um mau elemento era mau elemento mesmo. Agora, que as temos, ouvimos aqueles que conseguem vantagens através de seus candidatos fazer-lhes os elogios mais rasgados; quem nada conseguiu diz que os políticos querem apenas ganhar milhões do povo sem fazer coisa alguma!”

2.ª Mulher – Virgem Maria! Vá falar bem assim na Bahia!

Valentina – Desastrada! Invocando a Virgem Maria, como qualquer mulher! Você teria feito um papelão dizendo isso na assembléia.

2.^a Mulher – Mas lá eu não diria.

Valentina – Então vá perdendo o hábito. *(continuando o discurso)* “E essas medidas salvadoras? Quando deliberam sobre elas parece que o mundo acabaria se não fossem aprovadas; depois, tem-se vontade de matar o autor de tais projetos, tão grande é a decepção! É preciso aumentar os impostos? Os pobres se conformam, os ricos esbravejam!”

2.^a Mulher – Que homem inteligente!

Valentina – Desta vez você mee elogiou. *(continuando o discurso)* “E o povo é a causa de tudo isso, pois todo mundo cuida apenas dos próprios interesses, com a preocupação única de levar vantagens. E o pobre país vai aos trambolhões, como um bêbedo! Mas se acreditarem em mim ainda haverá salvação. É às mulheres, às mulheres – repito – que devemos entregar o Governo, da mesma forma que confiamos a elas a direção dos nossos lares!”

Todas a mulheres – Muito bem! Muito bem! Fala, baiano!

Valentina – *(continuando o discurso)* “Vou demonstrar agora que os costumes delas são melhores que os dos homens. Primeiro, elas são conservadoras: fazem tudo hoje como sempre fizeram (e os nossos governantes acham que só nos salvam com reformas e inconstância). Elas cozinham hoje como antigamente; fazem bolos como antigamente; amolam os maridos como antigamente; tem amantes como antigamente; comem pouquinho como antigamente; bebem pouquinho como antigamente; como antigamente trocam beijinhos! Homens aqui presentes! Confiemos o Governo às mulheres sem maiores discussões. Nem perguntemos o que elas irão fazer, mas deixemo-las governar logo e bem! Pensemos um pouco: sendo mães, elas pouparão de cuidar da vida de seus filhos, de nossos soldados, evitando as guerras; para arranjar dinheiro, as mulheres são muito mais hábeis; nos cargos que ocuparão, ninguém as enganará, pois elas que vivem enganando os homens conhecem todos os truques e saberão defender-se. Quanto ao resto, nem vou falar. Se vocês acreditarem em mim serão felizes para o resto da vida!”

1.^a Mulher – Muito bem, meu doce de coco, e muito certinho. Mas onde você aprendeu tudo isso, meu bem?

Valentina – Ao invés de conversar com meu marido sobre a carestia da vida e os defeitos das empregadas eu pedia a ele para me contar o que se passava na assembléia.

1.ª Mulher – Não é de admirar então, meu bem, que você seja tão bem-falante e esperta. Portanto nós todas confirmamos você, neste momento, como nossa chefe, a fim de que você possa realizar os seus projetos. Mas se algum político aparteasse você na assembléia, como você reagiria?

Valentina – Eu diria que ele estava dizendo bobagens.

1.ª Mulher – Mas isso é o que eles dizem sempre!

Valentina – Eu diria também que ele estava falando palavrões!

1.ª Mulher – Mas os políticos não dizem outra coisa uns aos outros!

Valentina – Eu diria ainda mais; que a mulher dele grita com ele em casa e ele quer se vingar gritando na assembléia!

1.ª Mulher – E se eles tivessem a ousadia de mexer em você?

Valentina – Eu mexeria com eles, porque mexer eu sei, e muito bem!

1.ª Mulher – Mas ainda há uma dúvida: e se mandassem os guardas da assembléia retirar você da tribuna à força?

Valentina – *(pondo as mãos nas cadeiras)* E quem teria a ousadia de por a mão em mim?

1.ª Mulher – É mesmo; e mesmo que pusessem nós obrigáramos o atrevido a tirar a mão ainda que tivéssemos de puxar os cabelos dele e unhá-lo todinho! *(dirigindo-se à sua vizinha)* Tudo isso está combinado direitinho, mas há uma coisa em que não pensamos: como é que na hora de votar vamos lembrar de levantar os braços, nós, que só estamos acostumadas a levantar as pernas?

Valentina – Isso realmente vai ser difícil, mas de qualquer forma teremos de votar levantando o braço que a túnica deixa descoberto. Vamos! Ponham as túnicas, calcem as sandálias, como vocês vêem os maridos fazerem na hora de sair para a assembléia ou para outras reuniões políticas! Isso feito, ajustem as barbas; quando estiverem bem firmes, apanhem as mantas que vocês roubaram dos maridos e ponham-nas nos ombros,

marchem cantando alguma música patriótica, imitando os modos dos homens do interior.

1.^a Mulher – Bem falado! Quanto a nós, vamos na frente, pois creio que mais mulheres estão vindo de outros bairros diretamente para a assembléia, de acordo com a nossa combinação.

Valentina – Mas não é preciso tanto retoque, tanta arrumação! Depressa, pois segundo a tradição quem não chegar ao romper do dia não tomará parte na assembléia.

3.^a Mulher – (*avançando de um grupo numeroso*) Já é tempo de marcharmos, homens! Esta palavra – lembremo-nos bem, mulheres – devemos repetir sem cessar: homens, homens, homens, para evitar descuidos desastrosos. Não será pequeno o perigo se nos apanharem tramando um golpe de audácia como esse.

Todas as mulheres – (*falando ao mesmo tempo*) Vamos para a assembléia! Vamos depressa para tomar conta dos lugares! Vamos votar, de braços erguidos! Vamos, amiguinhas! (Que digo? Deveria falar “camaradas”!) Sei que não iremos ganhar dinheiro com o golpe, mas ajamos desinteressadamente, como outrora, quando se tratava de política sem pensar em abiscoitar milhões.

Saem todas por uma das ruas, marchando ruidosamente ao som de música marcial.

Novo cenário; ruela, aparece Blêpiro, homem idoso, meio para fora, emio para dentro da porta de sua casa; está com roupa e sapatos de mulher.

Blêpiro – Que negócio é esse? Aonde terá ido minha mulher? O dia já vem raiando e ela não aparece. E eu na cama, num aperto horrível, tentando apanhar no escuro meus chinelos e minha roupa!... Por mais que procurasse não encontrava. Como o aperto aumentou, apanhei esse vestido de minha mulher e calcei as sandálias dela. Mas como sair daqui com esses trajes para desapertar? Ora! Ainda está escuro; vou lá fora assim mesmo e ninguém me verá. Sou um infeliz! Também, quem me mandou casar com essa idade? Merecia umas bordoadas! Pois não há de ter sido para boa coisa que ela saiu! (*pondo as mãos na barriga*) O aperto continua! Vou sair assim mesmo! (*dá um passo para fora da porta*)

Um Homem – (*da varanda da casa em frente, mostrando apenas a cabeça*) Quem está aí em baixo? Não parece o meu amigo Blêpiro!...

Blêpiro – Sim, meu velho! Sou eu mesmo...

Um Homem – Ora bolas! E essa roupa roxa?

Blêpiro – (*encabulado*) Senti necessidade de sair e como o aperto era grande vesti essa roupa mesma, de minha mulher...

Um Homem – E a sua roupa, onde está?

Blêpiro – Não sei; bem que procurei mas não houve meio de achar.

Um Homem – (*desanimado*) Não... Ela não está em casa... Saiu de mansinho, escondida, e receio que esteja fazendo alguma travessura por aí...

Um Homem – Com todos os diabos! Sua história é a mesma que eu ia contar! (*aparecendo inteiramente na sacada, vestido de mulher*) A madame desapareceu com a minha roupa! Mas o que me aborrece mais é o que ela levou também minhas sandálias; pelo menos não consegui achá-las em parte alguma.

Blêpiro – Nem eu as minhas; e como tive que me levantar de qualquer maneira, não tive outro jeito senão calçar as sandálias dela e ir saindo...

Um Homem – Que terá acontecido? Será que alguma amiga a convidou para o almoço?

Blêpiro – É a minha opinião, pois que eu saiba ela não é má esposa.

Um Homem – Quanto a mim, já é tempo de ir andando para a assembléia, se é que a minha mulher não carregou a minha roupa nova de sair, que está escondida!

Blêpiro – Eu também talvez vá até lá, mas primeiro tenho de fazer uma coisa mais urgente.

Sai o homem. Entra Cremes pela esquerda, vindo da assembléia. Blêpiro faz emção de entrar em casa correndo.

Cremes – (*dirigindo-se a Blêpiro, de longe*) Ei, você aí! Que é que você está fazendo?

Blêpiro – (*desajeitado*) Eu ia fazer, mas você apareceu...

Cremes – Vejam só! Com o vestido da mulher!

Blêpiro – Apanhei-o por engano, no escuro, quando ia me levantar... E você, de onde vem?

Cremes – Da assembléia.

Blêpiro – E já acabou?

Cremes – Já, e muito cedo.

Blêpiro – Mas você naturalmente chegou a tempo.

Cremes – É, mas quase não consegui lugar, pois havia tanta gente como nunca vi na assembléia. E era uma gente brancosa, que pelo jeito nunca tomou sol.

Blêpiro – Mas que assunto levou tanta gente tão cedo à assembléia?

Cremes – Como sempre, os políticos tratavam da salvação da pátria: apresentavam projetos de efetivação de interinos com duas horas de exercício da função, de concessão de taxas de insalubridade ao pessoal que vai à praia aos domingos e fica lá depois do meio-dia, de criação de mil cargos de assistentes sexuais para os deputados, de aumento de subsídios, de férias de 300 dias por ano, etc. De repente levantou-se um, muito branco, subiu à tribuna e começou a falar com uma voz meio esganiçada, dizendo que o governo devia ser entregue às mulheres. Toda a turma brancosa gritava e dizia que o orador tinha razão. O resto do pessoal discutia apaixonadamente os projetos de efetivação, insalubridade, criação de cargos, etc.

Blêpiro – Gente sensata!

Cremes – Mas em minoria. O orador na tribuna falava cada vez mais alto, dizendo maravilhas das mulheres e barbaridades de você.

Blêpiro – E que dizia ele?

Cremes – Que você é velhaco...

Blêpiro – E você que disse?

Cremes – Deixe as perguntas para depois. Que você é larápio...

Blêpiro – Só eu?

Cremes – Você sim! (*mostrando os espectadores*) Todos os homens! Você não é homem?

Blêpiro – (*olhando para a roupa de mulher que vestia*) Apesar dessa roupa, sou homem e ninguém pode dizer nada em contrário!

Cremes – Mas as mulheres, continuava o orador branco, são um prodígio de bom senso; sabem guardar segredos, são leais e honestas. Elas não denunciam ninguém, não processam ninguém, não falam mal da vida alheia, não entram em golpes contra a democracia, enfim, atribuíam mil qualidades às mulheres e não esgotava a fonte de elogios às virtudes delas.

Blêpiro – E o que decidiram?

Cremes – Ouça: decidiram entregar o governo às mulheres. Era só o que faltava fazer entre nós para salvar a pátria.

Blêpiro – Já foi decretado?

Cremes – E sancionado!

Blêpiro – Quer dizer que as mulheres agora estão encarregadas de fazer tudo que os homens faziam?

Cremes – Exatamente.

Blêpiro – Então eu agora não irei mais ao batente?

Cremes – E você não terá mais de sustentar a família; será dever de sua mulher.

Blêpiro – Não terei mais de levantar cedo?

Cremes – Não. De agora em diante isso caberá à sua mulher. Você ficará de papo para o ar, como ela ficava.

Blêpiro – Uma coisa que devemos recear, nós, homens de certa idade, é que, tendo tomado conta do governo, elas queiram nos forçar...

Cremes – A fazer o que?

Blêpiro – A ser mais... assíduos... Se nós não pudermos elas talvez não queiram sustentar-nos...

Cremes – Ora bolas! Afinal a boa vida vale um sacrifício. Dá-se um jeito!

Blêpiro – Mas tudo que se faz forçado perde o gosto.

Cremes – Não adianta discutir. A maioria resolveu, temos de concordar. Aliás há um provérbio nosso segundo o qual as decisões mais insensatas e mais absurdas acabam favorecendo-nos. Em outras palavras: deus é grego. Que assim seja! Bem, vou andando; e você, cuide de dar conta de seus afazeres domésticos...

Blêpiro – Você também.

Cremes afasta-se. Blêpiro entra em casa. Reaparece o grupo de mulheres vestidas de homem que no princípio se dirigiram para a assembléia. Vem marchando e falando alto, todas ao mesmo tempo.

Uma Mulher – Será que algum homem está seguindo-nos? (*voltando-se para a sua vizinha*) Volte e observe atentamente para ver se há algum homem no grupo, pois algum salafrário pode estar metido entre nós observando-nos.

Outra Mulher – Continuemos vigilantes e fimes! Seria uma vergonha para todas nós se o nosso golpe, que até agora vai tão bem, fosse descoberto. Olho vivo! Já estamos perto do lugar de onde partimos em direção à assembléia.

Outra Mulher – É mesmo! Já estou vendo a casa de nossa comandante, que concebeu o projeto hoje transformado em lei pelos cidadãos.

Outra Mulher – É perigoso ficarmos com a barba pendurada no queixo; alguém poderia ver-nos e nos denunciar.

Enquanto uma mulher fica na esquina observando, todas tiram as barbas postiças e as roupas e calçados masculinos.

A Mulher que observava na esquina – Cuidado! Vem gente aí! É a nossa comandante e suas auxiliares, já com as roupas de mulher!

Aparecem Valentina e as outras cabeças do golpe.

Valentina – Pronto! Tudo feito! Nós, as mulheres, aproveitamos a oportunidade; as coisas saíram exatamente de acordo com o nosso projeto. Então, todas já tiraram as barbas e as roupas de homem? Muito bem! Agora

vou lá em casa, por a roupa do meu marido no mesmo lugar de onde a tirei, antes que ele me veja.

Uma Mulher – Mas antes você deve dar-nos as instruções para o que ainda tem de ser feito. Estamos prontas para continuar seguindo as suas ordens, pois nunca vimos mulher mais legal que você!

Valentina – Esperem até que eu volte. Continuem obedientes como até agora, para que eu possa usar a autoridade de que estou investida com o apoio de todas vocês, pois na assembléia verifiquei que na hora de resolver vocês são um bocado homens!

Quando Valentina ia entrar em casa, Blêpiro, seu marido, sai vestido de mulher.

Blêpiro – Sim senhora! De onde você está vindo, Valentina?

Valentina – Que diferença faz, meu bem?

Blêpiro – Pergunta boba! Faz muita diferença!

Valentina – Você dirá, como sempre, que venho da casa de algum amante!

Blêpiro – Talvez você não venha da casa de um só.

Valentina – Pois bem! Você pode tirar a prova!

Blêpiro – Como?

Valentina – *(aproximando-se a cabeça do nariz de Blêpiro)* Cheire meus cabelos! Eles não estão perfumados.

Blêpiro – Ora essa! O que é que tem o cheiro com o principal? As mulheres só se encontram com os amantes quando estão perfumadas?

Valentina – Claro, bobão! *(a parte)* Esse infeliz parece que nunca teve uma amante!

Blêpiro – Então por que você saiu de casa escondida, de madrugada, com minha roupa?

Valentina – A noite passada uma amiga minha mandou me chamar, pois estava para ter criança...

Blêpiro – E você não podia me explicar isso antes de sair?

Valentina – Você queria que eu fosse perder tempo numa hora daquela, enquanto a minha amiga precisava tanto de mim?

Blêpiro – Você podia ao menos me avisar. Mas há alguma coisa por trás de tudo isso!...

Valentina – Você é que está com coisas na cabeça. Saí com estava; a pessoa que veio me procurar a mando de tal amiga que ia ter criança pediu-me para ir logo, de qualquer maneira...

Blêpiro – Nesse caso, você devia ter vestido a sua roupa, e não a minha. Mas você vestiu o meu casaco, jogou em cima de mim o seu penhoar e foi embora, deixando-me exposto como um cadáver; só faltou por uma coroa em cima de mim!

Valentina – É que fazia frio. Eu sou fraquinha e delicada; para me aquecer, o jeito foi vestir o seu casaco. Você ficou deitado no quentinho, em baixo da cobertas, meu marido!...

Blêpiro – E você saiu com meus sapatos também por causa do frio?

Valentina – Foi para garantir a sua roupa que calcei os seus sapatos: eu imitava o seu andar másculo, pisando forte no chão. Assim afugentava os assaltantes.

Blêpiro – Você sabe que por sua causa deixei de ganhar um dinheiro, que iam me dar lá na assembléia?

Valentina – Não se preocupe... *(pausa)* Ela teve um menino.

Blêpiro – A assembléia?

Valentina – Não! A amiga que mandou me chamar! Mas houve assembléia?

Blêpiro – Houve, sim senhora! Você não lembra que ontem eu falei que ia haver?

Valentina – Ah!... Agora estou lembrando...

Blêpiro – E naturalmente você ignora o que foi decretado.

Valentina – Decretaram alguma coisa? Não sei de nada...

Blêpiro – Pois não se assuste: dizem que o governo foi entregue às mulheres!

Valentina – Para fazerem o quê? Para bordar, ou remendar?

Blêpiro – Não, com todos os diabos! Para governar!

Valentina – Como?

Blêpiro – Todo o governo, mas todo mesmo, ficará nas mãos das mulheres.

Valentina – Oba! Pois agora o país será feliz, para sempre!

Blêpiro – Por que?

Valentina – Por várias razões: não será mais permitido aos oportunistas aproveitarem-se dos cargos públicos para tratar dos próprios interesses; não será mais permitido fazer promessas para não cumprir...

Blêpiro – Não! Não façam isso! Não tirem o pão de minha boca!...

Cremes aproxima-se e ouve a parte final da conversa.

Cremes – Diabo de homem! Deixe sua mulher falar!

Valentina – (*imperturbável*)...nem roubar o povo, nem fazer intrigas, nem injuriar; não haverá mais pobres...

Cremes – Sim senhora! Veremos grandes coisas (desde que se realizem).

Valentina – Vou provar que se realizarão; você será testemunha e ele próprio (*apontando para o marido*) nada terá a reclamar.

Aproxima-se novamente o grupo de mulheres que Valentina comandara; a que vinha à frente dirige-se a Valentina; depois falam todas a um só tempo.

Uma Mulher – (*a Valentina*) Estamos esperando por você. Você, por seu espírito lúcido e pensamentos sábios (*Blêpiro vai tomando ares de importância*), irá agora por a sua capacidade de chefia a serviço da regeneração dos costumes e da prosperidade geral. O povo vai ser mais feliz. Chegou a hora de mostrar aquilo de que você é capaz. Nossa terra

anseia por reformas, por novidades! Não queremos nada que já tenha sido feito ou dito! O povo detesta o que já conhece.

Outra mulher – Não demore!

Outra mulher – Comece a realizar os seus projetos agora mesmo!

Outra Mulher – Não esqueça que o povo aqui presente (*apontando para os espectadores*) não gosta de coisas arrastadas, demoradas!

Valentina – Tenho certeza de que todos gostarão das coisas que iremos mostrar. Quanto ao povo aqui presente, será que todos concordarão com as inovações? Não quererão continuar apegados aos hábitos e coisas antigas? Esse é o meu maior receio.

Creμες – Quanto às inovações, não tenha dúvidas; o pessoal só quer saber das novas; ninguém se interessa pelas velhas...

Valentina – (*dirigindo-se aos espectadores*) Que ninguém me contradiga nem me aparteie antes de conhecer minhas idéias todas e ouvir as minhas explicações. Para começar, todos terão de entregar seus bens ao Governo, para que todos tenham partes iguais desses bens e vivam deles; não é inevitável que uns sejam ricos e outros não tenham onde cair mortos; que uns tenham a seu serviço uma porção de escravos e outros não sejam sequer donos de si próprios! Instituiremos uma só maneira de viver, igual para todos!

Blêpiro – Como poderá ser igual para todos?

Valentina – (*impaciente*) Ora! Vá para o inferno!

Creμες – O inferno será para todos?

Valentina – Não, mas você é muito apressado e fica me interrompendo! (*continuando*) A terra será de todos, bem como o dinheiro e tudo que atualmente pertence a cada um. Com base num fundo comum, constituído por todos os bens, nós, as mulheres, sustentaremos vocês, administrando com economia e pensando em tudo.

Blêpiro – E aqueles que não possuem terras, mas outros bens, como jóias?

Valentina – Terão de entregar tudo!

Blêpiro – E se não entregarem?

Valentina – Quem nada trouxer terá de jurar que nada tem, e ninguém vai querer cometer perjúrio.

Blêpiro – Mas foi com perjúrios que muita gente fez fortuna!

Valentina – Mas essa riqueza não servirá para coisa alguma.

Blêpiro – Como?

Valentina – Ninguém fará mais nada por necessidade, pois tudo pertencerá a todos: comida, bebida, roupa, etc. Qua vantagem haverá em não trazer tudo para o fundo comum? Diga, se for capaz!

Blêpiro – Não é verdade que atualmente são os larápios que possuem as maiores riquezas?

Valentina – Até ontem era, meu camarada; as leis que seguíamos eram leis de antigamente! Agora, porém, que o sustento de todos estará no fundo comum, que ganhará quem não trouxer tudo para o fundo?

Blêpiro – *(após alguns momentos de silêncio)* E se, vendo uma dona boa, um homem quiser convidá-la e tiver de oferecer um presente, será que o fundo comum vai dar um dinheirinho a ele para pegar a dona?

Valentina – Para que? Ele terá o direito de ir com ela de graça! As mulheres serão comuns a todos os homens; cada um poderá ir com qualquer uma e ter filhos com quem quiser.

Blêpiro – E qual o meio de evitar que todos os homens queiram a mais bonita e tentem papá-la?

Valentina – As feias e mal acabadas ficarão ao lado das mais bonitas e quem quiser as bonitonas terá que satisfazer primeiro as feiosas.

Blêpiro – *(com ar desconsolado)* E nós, os velhotes, como nos arranjam? Se tivermos de “traçar” primeiros as feias o nosso... entusiasmo murchará e como é que vamos dar conta das bonitonas?

Valentina – Elas não vão chorar por isso; pelo menos quanto a você, fique tranqüilo. Elas não vão brigar por você...

Blêpiro – Quem sabe?

Valentina – O.... entusiasmo que já está murcho não tem o que murchar, meu velho. Esse problema você não terá.

Blêpiro – Para vocês, mulheres, o plano está muito engenhoso; você já arranjou as coisas de tal maneira que nenhuma mulher ficará sem o dela. Mas quanto aos homens, como é que vai ser? As gostosonas fugirão dos feios para entregar-se aos bonitões.

Valentina – Não senhor! Isso aconteceria no regime antigo, quando só se pensava em um lado dos problemas. Agora o mecanismo vai ser o mesmo! Os feios tomarão conta dos bonitões e as mulheres não poderão ir com os altos, morenos e simpáticos antes de ter resolvido o problema dos baixinhos e mal acabados.

Blêpiro – (*entusiasmado*) Muito obrigado em nome dos desfavorecidos!

Valentina – É um dispositivo muito democrático. Nossa reformulação é certinha em tudo. Vocês vão rir dos convencidos, dos galãs, e dirão: “Calma, mocinho bonito! Primeiro aqui o papai vai provar o material! Depois, quando o papai acabar e a fila andar, chegará a sua vez!”

Blêpiro – É... Mas com esse gênero de vida como é que cada um vai reconhecer os próprios filhos?

Valentina – Isso não terá importância. As crianças julgarão seus pais todos os homens que tiverem idade para isso.

Blêpiro – Agora é que a rapaziada vai espancar os velhos à vontade, pois até hoje, sabendo quem era o pai, eles espancavam, quanto mais quando não souberem!

Valentina – Mas os companheiros não permitirão. Antes eles não se incomodavam quando um rapaz batia no pai, mas no futuro não deixarão ninguém bater em ninguém, pois um poderia estar batendo no pai do outro.

Blêpiro – Isso que você está dizendo não é nada mau. Mas se um desses rapazinhos rebolantes que andam por aí chegar perto de mim e me chamar de “papai”, vai ser duro de agüentar!

Valentina – Mas esses rapazinhos rebolantes que você está falando nasceram antes da nova lei; não há perigo de eles poderem chamar você de “papai”.

Blêpiro – Antes assim. Mas quem vai cultivar a terra?

Valentina – Os escravos. Seu único “trabalho” será aprontar-se para o jantar coletivo quando forem seis horas da tarde.

Blêpiro – E como arranjam roupas? Afinal não vamos andar nus.

Valentina – Para começar, as que vocês já tem servirão. Depois, nós, as mulheres, faremos outras.

Blêpiro – Só uma pergunta mais: quando alguém perder uma questão na justiça, como vai arranjar dinheiro para pagar o advogado e os escreventes? No fundo comum? Não haveria dinheiro que chegasse!...

Valentina – Para início de conversa, não haverá mais questões.

Blêpiro – Se você acabar com as questões o seu governo não se agüentará por muito tempo.

Cremes – Sou da mesma opinião.

Valentina – Por que terá de haver questões?

Blêpiro – Por muitas razões; primeiro, se um devedor negar-se a pagar a dívida.

Valentina – Mas onde alguém irá arranjar dinheiro para emprestar? Você esquece que tudo será comum? Quem tiver dinheiro para isso será ladrão!

Cremes – Sai dessa, Blêpiro!

Blêpiro – *(dirigindo-se a Cremes)* Acontece que ela vai ter explicar o seguinte: e se os dois camaradas brigarem e forem presos, com que pagarão a fiança? E quando, depois de um jantar legal, puxado a vinho, alguém agredir alguém? *(dirigindo-se a Valentina)* Dessa quem não sai é você!

Valentina – Pagarão a fiança com uma parte do que tiverem para comer. Tendo de ficar com o estômago vazio eles pensarão melhor antes de cometer outra violência; o estômago castigado será bom conselheiro.

Blêpiro – *(com ar de desânimo mas sem se dar por vencido)* E não haverá mais ladrões?

Valentina – Para roubar o que já é deles?

Blêpiro – *(depois de pensar alguns segundos)* Então não ser será mais assaltado de noite?

Cremes – Não, se você ficar em casa.

Valentina – Nem se você dormir fora de casa, como costuma fazer, pois todo mundo terá o suficiente para viver. Se quiserem o seu casaco você o dará, pois bastará ir ao fundo comum para obter outro.

Blêpiro – Nem haverá mais um joguinho?

Valentina – Para ganhar o que?

Blêpiro – Então que espécie de vida você quer que levemos?

Valentina – Todos viverão em comum. Pretendo fazer das cidades uma só casa, demolindo todos os muros, de maneira a que todos possam ir a toda parte.

Blêpiro – *(ainda sem querer dar-se por vencido)* Não haverá perigo de faltar comida para alguém?

Valentina – Em nossa terra não haverá mais necessitados. Nós, mulheres, daremos tudo a todos abundantemente. Os homens, depois de terem comido e comido e bebido à vontade nos jantares coletivos, irão embora com a testa coroada de flores e de tocha acesa na mão (para não errarem o caminho). E as mulheres, nas esquinas, dirão aos que vierem voltando dos jantares: “Vem cá, vem! Lá em casa há uma pequena muito boa para você!” Outras dirão: “E lá em casa há uma ainda melhor, clarinha e gostosinha! *(Blêpiro e Cremes ouvem embevecidos)* Só que antes de ir com ela você terá de dar conta de mim!” *(Blêpiro e Cremes mudam de fisionomia)* E os homens mal acabados seguirão os bonitões e lhes dirão: “Para que tanta pressa? Você nada conseguirá chegando antes de mim, pois de acordo com o decreto os primeiros a provar os brotinhos serão os velhotes e feiosos; enquanto nós executamos o trabalho com os brotos vocês ficarão de mão no... queixo, esperando pacientemente”. *(dirigindo-se a Blêpiro e Cremes)* Então, a reforma de base está boa para vocês?

Blêpiro e Cremes – *(a uma voz)* Legalíssima!

Valentina – *(séria)* Chega de conversa. Agora tenho de ir à praça pública receber os bens que todos levarão para organizar o fundo comum pelo bem do país, pois fui escolhida para chefe do governo das mulheres. Arranjarei umas ministras de alto gabarito e mandarei providenciar os

jantares coletivos para que todo o mundo ainda hoje veja o governo em pleno funcionamento. No meu governo todo o mundo vai comer à vontade.

Blêpiro – *(animado)* E hoje já haverá jantar coletivo?

Valentina – É como estou dizendo! Enquanto isso as “coroas” irão retocando as fachadas para resolver o caso de vocês depois do jantar.

Blêpiro – As “coroas”?

Valentina – Sim senhor! Você esquece de que, de acordo com o decreto, elas serão as primeiras a provar os bonitões?

Blêpiro – Então vamos! Eu vou marchando a seu lado, bem junto de você, para que todo o mundo me veja e diga: “Olhem! Lá vai o marido da chefe do governo!”*(saem Valentina e Blêpiro, seguidos das mulheres)*

Cremes – E eu vou andando; vou dar um balanço nas minhas coisas para levá-las à praça pública, ao fundo comum. *(sai Cremes noutra direção)*

Horas depois. Mesmo cenário. Reaparece Cremes seguido de carregadores trazendo os seus objetos. A um sinal de Cremes os carregadores vão pondo os objetos no chão.

Cremes – *(dirigindo-se a um dos carregadores)* Vamos, rapaz! Ponha esse retrato da minha mulher aí! *(dirigindo-se a outro carregador)* Você aí! Ponha no chão essa cadeira de embalo da minha sogra! Agora essa panela (Como ela está preta!... Até parece pintada com a tinta que um amigo meu usa para tingir os cabelos!...) Agora esse vaso! E os meus aparelhos de ginástica! E a minha mesa de trabalho! (Agora é a madame que vai trabalhar!)

Um Homem – *(aproximando-se e examinando os objetos trazidos por Cremes; a parte)* Eu, hein? Trazer os meus trastes! Bobo seria eu se fizesse isso! De jeito nenhum! Antes vou observar bem, pensar muito no assunto, contar até dez! *(balançando a cabeça negativamente)* Não senhor! Meu suor, minhas economias! Não vou perder tudo assim de repente só porque as madames mandaram, sem saber direitinho como as coisas vão ficar. *(chegando mais perto de Cremes)* Ei! Você aí! Que significa essa coleção de trastes aí no meio da rua? O distinto está de mudança ou vai botar tudo isso no prego?

Cremes – Nem uma coisa nem outra.

Um Homem – E por que eles (*apontando para os carregadores*) estão arrumando as coisas assim? Então é para levá-los ao leiloeiro!

Cremes – Nada disso! Vou transportá-los até a praça pública para entregá-las ao governo, de acordo com a nova lei.

Um Homem – Você vai entregá-las, dá-las?

Cremes – Perfeitamente.

Um Homem – Está maluco?

Cremes – Eu?

Um Homem – Você sim! Está na cara!

Cremes – Essa é boa! Não devo obedecer à lei?

Um Homem – A que lei, desgraçado?

Cremes – As leis que aceitamos.

Um Homem – Aceitamos!... Você é mesmo um grande bobo!

Cremes – Bobo?

Um Homem – E não é? O maior bobo do mundo!

Cremes – Por fazer o que a lei manda?

Um Homem – Então um sujeito sensato tem de fazer tudo o que a lei manda?

Cremes – Mais que os insensatos.

Um Homem – Isso é para os trouxas!

Cremes – Quer dizer que você não vai se entregar as suas coisas ao governo?

Um Homem – De jeito nenhum! Pelo menos até ver o que a maioria fará.

Cremes – Que pode resolver a maioria senão entregar depressa os seus bens?

Um Homem – Quero ver para crer.

Cremes – Todo mundo está dizendo nas ruas que vai entregar tudo.

Um Homem – Dizer, eles dizem...

Cremes – E garantem que vão carregar as coisas nos próprios ombros.

Um Homem – Garantir, eles garantem...

Cremes – Você acaba me matando de raiva, você que não acredita em nada!

Um Homem – Acreditar, eles não acreditam!

Cremes – Dou-lhe umas pancadas!

Um Homem – Pancadas eles darão (*em tom mais sério*) Então você acredita mesmo que alguém de bom senso vai dar o que tem? Nós nunca fomos de dar. De receber, sim! Até os deuses recebem. Você pode ver nos templos: quando vamos pedir alguma graça, lá estão eles de mãos estendidas, não para dar mas para receber.

Cremes – Que sujeitinho safado! (*afastando-se do homem*) Vou cuidar de coisas mais sérias, pois ainda tenho de amarrar tudo isso. (*dirigindo-se aos carregadores*) Onde está a corda?

Um Homem – Então você vai mesmo entregar as suas coisas!

Cremes – Se vou! Estou amarrando os meus trastes!

Um Homem – Que bobagem! Você podia ao menos esperar para ver o que os outros vão fazer. Depois então...

Cremes – Então!

Um Homem – Depois então vai-se ganhando tempo; depois adia-se novamente...

Cremes – Para que?

Um Homem – Pode haver um terremoto ou alguma outra calamidade, ou vir uma nova lei, e então fica tudo como estava, idiota!

Cremes – (após alguns instantes de silêncio, como que indeciso) Ora essa! Havia de ter muita graça eu não saber o que devo fazer!

Um Homem – Você saberá. Não digo hoje, mas amanhã ou depois.

Cremes – Como?

Um Homem – Conheço muito bem o nosso povo: votar, todo o mundo vota, mas na hora de cumprir a lei...

Cremes – Todos entregarão, esteja certo!

Um Homem – E se não entregarem?

Cremes – Fique tranqüilo; entregarão.

Um Homem – E os que não quiserem?

Cremes – Lutaremos contra eles!

Um Homem – E se eles forem mais fortes?

Cremes – Eu largo tudo e vou embora...

Um Homem – E se eles venderem as suas coisas?

Cremes – Vão para o inferno!

Um Homem – Eu também?

Cremes – Você já devia ter ido há muito tempo!

Um Homem – Pela última vez: você entrega?

Cremes – Entrego e já, com todos os diabos! Aliás já estou atrasado, pois estou vendo os meus vizinhos cumprirem o dever. Você é que não acredita em nada.

Um Homem – Acreditar por que? Como se não estivesse acostumado com as leis!... Você não se lembra do decreto que congelou o preço das coisas? Congelou mesmo?

Cremes – Mas as coisas mudaram. Essas leis foram do tempo em que nós, os homens governávamos. Agora são as mulheres! E você sabe muito bem que quando a mulher cisma de fazer uma coisa faz mesmo!

Um Homem – Cuidado com elas! Se começarem a querer fazer tudo que nós fazemos...

Cremes – Não sei o que você está imaginando. (*dirigindo-se a um dos carregadores*) Puxe mais a corda, rapaz!

Entra uma mulher, marchando solenemente, com um papel aberto nas mãos.

Mulher – (*lendo o papel*) Concidadãos! Dirijam-se todos à praça pública para o jantar por conta do governo! As mesas já estão postas, há lugar para todos! Os vinhos estão nas jarras, a comida está quase pronta! Há leitão assado, galeto, churrasco, peixadas, feijoada completa, macarronadas, cozido etc.! Eis uma pequena parte do que o governo fará pelo povo! Afiem os dentes e afrouxem os cintos! Que for patriota me siga! (*afasta-se a mulher, apregoando*)

Um Homem – (*fazendo menção de seguir a mulher*) Vou já! Por que deveria ficar plantado aqui no momento em que a pátria me chama?

Cremes – (*segurando o homem pelo braço*) Calma, velhino! Aonde vai você com essa pressa toda, você que ainda não depositou os seus bens na praça pública?

Um Homem – Vou jantar! Você ouviu o menu?

Cremes – Não senhor! Elas não são bobas! Antes de entregar as suas coisas ao governo, não!

Um Homem – Está bem. Entregarei.

Cremes – Quando?

Um Homem – Não serei um obstáculo...

Cremes – Que conversa é essa?

Um Homem – Muitos entregarão as coisas depois de mim!

Cremes – E você vai jantar a si mesmo?

Um Homem – Que hei de fazer? Cada um ajudará o governo como puder; é o dever dos homens sensatos...

Cremes – E se as chefas não deixarem?

Um Homem – Sou inflexível no cumprimento do dever: baixo a cabeça e me mando!

Cremes – Mas se elas baterem em você?

Um Homem – Apresento queixa à polícia!

Cremes – E se elas rirem no seu nariz?

Um Homem – (*empertigando-se*) Erecto junto à porta...

Cremes – Que fará você? Diga!

Um Homem - ...arrancarei os pratos das mãos dos garçons!

Cremes – Está bem! Venha atrás de mim. (*dirigindo-se aos carregadores*) Vamos, pessoal! Vamos levar os meus troços!

Um Homem – (*fazendo menção de apanhar um dos objetos*) Eu ajudo a carregar.

Cremes – (*segurando o homem*) De jeito nenhum! Você é capaz de querer passar por dono das minhas coisas na presença das mulheres encarregadas da coleta!

Cremes sai junto com os carregadores levando seus objetos.

Um Homem – Com todos os diabos! Tenho de arranjar um jeito de conservar as minhas coisas mas não posso perder essa comida toda de graça! (*pensa um pouco*) É... O jeito é ir atrás das coisas daquele bobão para pensarem que também são minhas.

Sai correndo em direção aos criados de Cremes. Horas depois. Novo cenário representando duas casas fronteiras numa rua que vai desembocar numa praça próxima. No meio da rua, uma mesa, a cuja cabeceira estava sentada Valentina, tendo ao lado uma secretária.

Valentina – Até agora as coisas funcionaram perfeitamente bem. Os homens portaram-se como deviam, levando os seus bens à praça pública para constituir-se o fundo comum e foram todos ordeiramente ao jantar

coletivo. Vejamos agora como se comportam as mulheres, pois se as coisas não derem certo com elas vai ser um caso sério.

Secretária – Estou ansiosa para ver como os homens vão reagir à “lei da prioridade”, que as coroas acharam o máximo! (*abre-se a janela de uma das casas, aparecendo uma velha muito pintada e vestida com exagero*) Parece que a experiência vai começar! O meu receio é que as mulheres não se entendem quando se trata dos homens...

1.ª Velha – (*da janela*) Por que será que os homens ainda não apareceram? O tal de jantar coletivo já deve ter acabado há muito tempo... (*a velha cantarola na janela*)

Valentina – Aquela ali parece prontinha para executar a lei: toda pintada e enfeitada, dando a maior sopa, cantarolando e rebolando.

Secretária – (*apontando para a janela da casa em frente*) É, mas a coisa não vai ser muito pacífica, pois um broto já apareceu naquela janela e está olhando para a velha com cara feia.

Uma Moça – (*da janela da casa em frente, dirigindo-se à velha*) Desta vez você chegou primeiro para se pavonear aí na janela, velha sapeca! Você queria aproveitar enquanto estivesse sozinha aí para fisgar algum distraído!

1.ª Velha – Cara não resolve, franguinha! O que resolve é... competência!

Uma moça – Você vai ver o que é que resolve!

1.ª Velha – Não adianta, meu anjo! De acordo com a nova lei, nenhum homem poderá ir com você antes de entrar aqui... na casa da gostosona!

Uma Moça – Só se for para o enterro, para levá-la para o cemitério, sua múmia! Nem com essa pintura e esses enfeites todos!

1.ª Velha – Afinal, por que você veio falar comigo?

Uma Moça – E você, por que está aí na janela, cacarejando?

1.ª Velha – Ora essa! Vim ver as autoridades ali naquela mesa. Naturalmente vieram observar a aplicação da lei, para não permitir transgressões de atrevidas iguais a você. Além disso estou satisfeita da vida, transbordando de entusiasmo cívico, esperando alguém que goste de mim!

Uma Moça – Só se for algum necrófilo!

Valentina – É agora! Lá vem um homem para cá! As duas vão pegar fogo!

1.ª Velha – *(que também percebera a aproximação do homem, dirigindo-se à moça)* É, gracinha? Pois você vai ver! Já está chegando o meu homem!

Uma Moça – Não é você que ele vem procurar, espantalho!

1.ª Velha – É sim!

Uma Moça – Que múmia pretensiosa! Vou até entrar para não ver o susto que ele vai tomar!

A moça retira-se da janela.

1.ª Velha – Eu também vou entrar. Vamos ver quem tem mais charme!

A Primeira Velha retira-se da janela. Aproxima-se um rapaz.

Valentina – *(dirigindo-se ao rapaz)* Que deseja o cidadão?

Um Rapaz – Eu queria saber onde mora uma pequena muito boa, morena, miudinha. *(baixando a voz)* Quero ver se consigo ir direto à casa dela, sem ter de passar por alguma velha horrorosa!

Valentina – Não senhor! Até agora o senhor seguiu a lei, porque lhe convinha: ccomeu do bom e do melhor, de graça, no jantar coletivo, mas agora quer burlar a lei. Nada disso!

Secretária – Lá vem a velha! Até eu me assustei.

1.ª Velha – *(saindo de casa e correndo para o rapaz)* Você está me procurando, meu amor?

Um Rapaz – *(recuando, assustado)* Eu?

1.ª Velha – Você sim, bonitão! Vejo o desejo reluzindo nos seus olhinhos!

Um Rapaz – *(à parte)* Antes uma boa morte! *(à parte)* deve haver algum engano...

1.ª Velha – Que faz você por aqui, então?

Um Rapaz – Nada... Estava procurando... sossego...

1.ª Velha – Quem?

Um Rapaz – Garanto que não era você.

1.ª Velha – Tanto faz querer como não querer, (*segura o rapaz pelo braço*)

Um Rapaz – (*soltando-se delicadamente*) Não é que eu não queira... Mas vamos deixar para outro dia... Hoje eu só quero um joguinho inocente com uma pequena conhecida...

1.ª Velha – Não adianta. A lei agora manda você... jogar primeiro comigo.

Um Rapaz – Então eu passo!

Valentina – É, mas pelo jantar o cidadão não passou!

1.ª Velha – Ouviu o que disse a lei em pessoa?

Um Rapaz – (*impaciente*) Não ouvi nada; só sei que vou entrar na porta da pequena e não na sua.

1.ª Velha – (*pondo-se em frente da porta da casa da moça, com as mãos nas cadeiras*) Primeiro você terá de entrar na minha, gostosão! Ou então terá de passar por cima do meu cadáver!

Um Rapaz – (*à parte*) Não falta muito... (*à Primeira Velha, fazendo mesura*) É muita bondade sua!... Estou comovido com tanta largueza...

1.ª Velha – Eu sei que você gostou de mim! Você está meio encabulado porque sou muito expansiva... Não se acanhe! Me dê um beijinho!

Um Rapaz – (*recuando*) Mas... gostosona, eu tenho medo do seu gostosão... Ele pode aparecer de repente...

Valentina – O rapaz tem uma conversa!...

1.ª Velha – Qual deles?

Secretária – Mas ela não fica atrás!

Um Rapaz – *(à parte)* Algum papa-defuntos! *(à velha)* Entre logo! Ele pode ver você aí fora e ficar com ciúmes!

1.ª Velha – Eu sei... Eu sei o que você quer!...

Um Rapaz – *(à parte)* Eu é que sei o que você está querendo!...

1.ª Velha – *(pendurando-se no pescoço do rapaz)* A sorte me mandou esse “pão” e eu não vou largá-lo de jeito nenhum!

Valentina – A coroa está indócil!

Um Rapaz – *(tentando livrar-se da velha)* Você está maluca?

1.ª Velha – Conversa, meu bem! Deixe de timidez! Vou levar você lá para fora dentro! A lei é dura! Eu gosto de dureza!...

Um Rapaz – Não adianta. Eu também sou durão.

Valentina chama a velha, mostra-lhe um papel e cochicham alguma coisa.

1.ª Velha – *(dirigindo-se ao rapaz)* Pois você vai ouvir uma coisa que vai fazer você amolecer!

Um Rapaz – Não!... Não é preciso dizer nem mostrar coisa alguma! *(à parte)* Já amoleci há muito tempo! *(à velha)* Mas afinal, de que coisa vocês está falando?

1.ª Velha – *(apontando para Valentina)* Aquela distinta tem ali um decretinho muito legal, que reformula todo esse assunto e diz que você vai ter de ir primeiro comigo!

Um Rapaz – *(apontando para Valentina)* Então leia essa sentença de morte que eu quero ouvir tudo direitinho.

Um Rapaz – *(dirigindo-se à Secretária)* Leia o decreto!

Secretária – *(lendo)* “As mulheres no governo decretaram e a chefe sancionou: Se um homem ainda novo quiser uma mulher ainda nova, não poderá ter nova antes de fazer a velha feliz. Se o homem novo não quiser fazer antes a velha feliz e insistir em querer a moça, a velha terá o direito de arrastar o homem para sua casa, segurando-o pelo... lugar próprio”.

Um Rapaz – (*à parte*) Estou perdido! Vão arrancar o meu... lugar próprio!...

1.ª Velha – Ouviu direitinho? O jeito é obedecer à lei.

Um Rapaz – (*dirigindo-se à Valentina*) E se eu pagar uma multa?

Valentina – O cidadão esquece que agora ninguém terá dinheiro para pagar multas?

Um Rapaz – E se eu jurar que meu... lugar próprio não funciona?

Valentina – Perjúrio é crime, cidadão!

Um Rapaz – Estou perdido! Que é que vou fazer?

1.ª Velha – Venha comigo lá para dentro de casa que eu lhe ensino...

Um Rapaz – Legalidade! Legalidade! A quanto obrigas...

1.ª Velha – Até que a legalidade tem o seu lado bom...

Um Rapaz – (*resoluto*) Está bem! Espalhe muitos cravos roxos pelo seu quarto, acenda quatro velas...

1.ª Velha – Garanto que você vai gostar tanto que depois vai me mandar flores!

Um Rapaz – (*à parte*) Só se for numa coroa de defunto, pois você parece que vai cair morta a qualquer momento!

A velha puxa o rapaz pelo braço. A moça reaparece, saindo da casa em frente, e corre em direção ao rapaz.

Secretária – (*dirigindo-se à Valentina*) A chefe quer que eu prenda a moça?

Valentina – Não. Acho que tudo vai acabar bem...

Uma Moça – (*dirigindo-se à velha*) Para onde você está arrastando esse homem?

1.ª Velha – Mas logo agora que ele tinha resolvido? Este rapaz está indo por sua livre espontânea vontade para a minha casa!

Uma Moça – Você está louca? Você não vê logo? Moço como é, ele não tem idade para deitar com você, que podia ser mãe dele! Se a moda pegar vai haver um incesto por aí! (*tenta afastar o rapaz da velha*)

1.ª Velha – Despeitada! É o ciúme! Mas eu me vingó! (*entra em casa correndo*)

Valentina – Qual será a vingança dela?

Um Rapaz – (*suspirando aliviado, dirigindo-se à moça*) Muito obrigado! Você me prestou um serviço, meu broto! Você terá todo o meu reconhecimento, que não é pequeno!...

Aparece, vinda pela mesma porta por onde entrara a primeira velha, uma Segunda velha, ainda mais feia que a primeira.

Valentina – Ih! Lá vem a vingança da primeira velha! E ainda é mais feia!

2.ª Velha – (*dirigindo-se à moça*) Ei, menina! Que é que você quer com esse rapazinho? E a lei, não vale nada? O artigo primeiro é muito claro: ele deve deitar antes comigo!

Um Rapaz – (*desconsolado*) Ah! Desgraça!... De onde surgiu você, coisa horrível?

2.ª Velha – (*segurando o rapaz pelo braço*) Venha cá!

Um Rapaz – (*dirigindo-se à Valentina*) Não deixe esse monstro me arrastar, moça, pelo amor de Deus!

Valentina – Não é ela, é a lei que o arrasta, cidadão!

Um Rapaz – Sempre ouvi dizer que a lei era ruim, mas nunca pensei que fosse tanto assim!

2.ª Velha – Vamos, garotão! Por aqui! Não é conversa que eu quero!

Um Rapaz – Está bem... (*dirigindo-se à Valentina*) Mas veja se essa velha me deixa parar um pouco, para tomar fôlego. Não estou psicologicamente preparado para... executar a lei. Se ela não tiver calma eu vou fazer uma coisa feia por aqui, de tanto medo que sinto!

2.ª Velha – Você fará quando chegar lá em casa, meu bem! Vamos!

A Segunda velha começa a arrastar o rapaz quando aparece uma terceira velha, ainda mais decrépita que as anteriores; a moça, desanimada, entra em casa.

Valentina – *(dirigindo-se à Secretária)* Não é possível! Isso é o máximo em matéria de feiura! Já estou ficando com pena do rapaz! Ele vai levar um susto!...

3.^a Velha – *(dirigindo-se ao Rapaz, que está sendo arrastado e não pode vê-la)* Para onde você está indo com essa mulher?

Um Rapaz – *(ainda de costas, sem ver a 3.^a Velha)* Eu não vou: estou sendo arrastado! Muito obrigado por você me salvar dessa situação *(percebendo a 3.^a Velha)* Não! Essa não! *(esfregando os olhos)* Será que isso existe? Parece uma alma do outro mundo!

3.^a Velha – Deixe de brincadeiras, bonitão! *(apontando para a 2.^a Velha)* Você não pode ir com essa moça aí antes de me fazer feliz.

2.^a Velha – *(ainda segurando o rapaz por um braço)* Muito obrigada pelo elogio mas ele vai é comigo!

3.^a Velha – *(segurando o rapaz pelo outro braço)* Não vou perder este galã de jeito nenhum!

2.^a Velha – Nem eu!

Valentina – Cuidado! Vocês querem esquartejar o cidadão?

2.^a Velha – De acordo com a lei, ele tem de vir comigo!

3.^a Velha – Eu sou um pouquinho mais velha! Chegou a hora da velhice valer alguma coisa!

Um Rapaz – *(apontando para a casa onde entrara a moça)* Se elas continuarem me puxando dessa maneira, como é que vou chegar perto daquela belezoca?

Valentina – Cidadão, isso é problema seu. Agora o que me interessa é fazer cumprir a lei!

Um Rapaz – *(dirigindo-se à Valentina)* Afinal, com qual das duas eu devo ir para ir para cumprir essa lei-rolha!

3.^a Velha – Será que você ainda não manjou? Se for preciso eu mostro a certidão de nascimento!

Valentina – Não é necessário! Está na cara...

Um Rapaz – (*dirigindo-se à 2.^a Velha*) Então me largue!

2.^a Velha – Não senhor! É comigo que você tem de ir primeiro!

Um Rapaz – (*voltando-se para a 3.^a Velha*) Se ela deixar.

3.^a Velha – Mas eu não deixo, não deixo, não deixo!

2.^a Velha – Nem eu, nem eu, nem eu!

Valentina – Elas até parecem deputados disputando votos!

Um Rapaz – E então, vamos resolver a parada?

3.^a Velha – (*pondo o dedo indicador delicadamente na boca do rapaz*) Cale a boquinha e venha logo comigo, meu bem!

2.^a Velha – Não senhora! É comigo!

Um Rapaz – (*dirigindo-se à Valentina*) Essa lei que as mulheres fizeram deviam dar a receita para satisfazer as duas...

Valentina – É muito simples, cidadão: basta comer um quilo de amendoim por dia!

As duas velhas puxam o rapaz, cada uma por um braço.

Um Rapaz – Estou perdido! Já me arrastaram até a porta!...

2.^a Velha – (*dirigindo-se à 3.^a Velha*) Não adianta você querer entrar antes de mim! Eu me mando de qualquer maneira lá para dentro junto de você!

Um Rapaz – (*dirigindo-se à Valentina*) Chefa! Dê um jeito, pelo amor de Deus! Uma só já vai ser um sacrifício, quanto mais as duas!

3.^a Velha – Não adianta! De boa vontade ou obrigado você vai é comigo! Sou mais velha (só um pouquinho) e lei é lei!

2.^a Velha – Hoje você está dizendo isso mas até ontem afirmava a todo mundo que era mais nova do que eu! Ele vai é comigo!

A Primeira Velha, que assistia a cena da janela, reaparece, saindo correndo pela porta, trôpega.

Valentina – *(com ar de impaciência)* Ih! A coisa está engrossando!

Secretária – Bem que eu disse que as mulheres não se entendem quando o assunto é homem!

1.^a Mulher – Ainda bem que há autoridade nesta terra! *(dirigindo-se à Valentina)* Fui eu que vi primeiro o rapaz e evitei que ele desobedecesse à lei, pois ele queria ir direto com um brotinho! As senhoras não lembram? É comigo que ele tem de ir!

Valentina – *(aproximando-se do rapaz e examinando-o atentamente)* Ouçamos o que ele tem a dizer!

Um Rapaz – Por favor, moça! Livre-me desses pesadelos! Meu brotinho está me esperando naquela casa em frente!

Valentina – Mas isso não seria legal...

Um Rapaz – Que falta faz a liberdade!... Mas o meu broto é muito legal!

Valentina põe a mão no queixo, refletindo sobre a situação. Contempla novamente o rapaz; de repente põe as mãos nas cadeiras, com ar de quem tomou uma decisão.

Valentina – Muito bem! Diante da intransigência das cidadãs e tendo em vista o artigo da lei segundo o qual os casos omissos serão resolvidos pela chefe do governo e, mais ainda, que o espírito da lei é mais importante que a sua letra... *(dirigindo-se ao Rapaz)* Quantos anos tem o seu broto?

Um Rapaz – Uns vinte anos.

Valentina – *(passando a mão vaidosamente no cabelo e ajeitando a roupa)* Então esse cidadão não vai nem com a moça nem com as senhoras. A moça tem vinte anos, as senhoras devem ter uma média de sessenta, vinte mais sessenta igual a oitenta, oitenta divididos por dois igual a quarenta (a mamãe aqui tem mais ou menos quarenta...) *(segurando o Rapaz gentilmente pelo braço)* Venha comigo! Resolvi o seu caso, agora você vai

resolver o meu! (*à parte*) Afinal de contas eu não ia fazer essa revolução para aprontar a cama para outras deitarem!